

PENSAR

[URBANISMO

LIVRO REÚNE ENSAIOS QUE REVELAM O PENSAMENTO, A OBRA E A PERSONALIDADE DO CRIADOR DE BRASÍLIA

LUCIO COSTA, O BRASILEIRO MODERNO

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Se ele inventou uma cidade com “um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” isso não significa que tenha sido um cristão penitente. Lucio Costa era um ateu que se movia balizado por dois valores que lhe eram fundamentais: a devoção à natureza, sem descartar a possibilidade de o homem transformá-la com talento e responsabilidade, e a crença no homem como medida de todas as coisas.

Esse é o primeiro risco de um longo, minucioso e amoroso projeto de reconstituição do pensamento e da obra de Lucio Costa. Quem evoca o ateísmo do urbanista é o arquiteto Jorge Hue, amigo do criador de Brasília. Hue e outros 30 articulistas enfeixam-se no *Lucio Costa, um modo de ser moderno* (Cosac & Naify), livro fruto do seminário internacional *Um século de Lucio Costa*, ocorrido de 13 a 17 de maio de 2002, no Rio de Janeiro.

De pronto os organizadores anunciam que não se trata tão-somente de uma obra sobre arquitetura e urbanismo. Tanto porque o personagem retratado ultrapassou os limites desse território e fincou piquetes em ques-

tões tão abrangentes quanto a “formação social, econômica, histórica, técnica, estética e construtiva do Brasil” e seu complexo relacionamento com a modernidade.

Em sendo assim, o livro reúne 31 modos de conhecer Lucio Costa e, de entre-meio, o lugar de Brasília na obra do arquiteto e no pensamento dos 31 articulistas, dos quais três estrangeiros, entre eles James Holston (leia trechos nesta edição), pesquisador norte-americano autor de *A cidade modernista, uma crítica de Brasília e sua utopia*. Dos autores presentes no livro, Holston é a exceção: doutor Lucio não é o seu assunto. O que lhe interessa é a obra maior do arquiteto, a cidade que ele inventou em folha de papel-manteiga.

O norte-americano reconhece o lugar simbólico da construção de Brasília na história do Brasil — a cidade como sintoma do caráter brasileiro em suas perenes contradições. “Re-firo-me ao senso de invenção encontrado em tantas facetas da vida brasileira, do futebol e do samba às telenovelas, das teorias da modernidade (tais como a Antropofagia) à mistura de raças cotidiana, da moradia “autoconstruída” nas periferias urbanas às iniciativas federais no tratamento da Aids.



Ao construírem uma cidade em três anos e meio, os brasileiros “empregaram as táticas da bicologem e experimentaram em todos os campos”. Desse modo “eles reproduziram na pioneira Brasília o estilo característico do Brasil de inventar sua modernidade”. Ou seja, Lucio Costa inventou uma cidade que é, ao mesmo tempo, “radicalmente separada do ‘resto do Brasil’ quanto parte dele”. De um lado, uma

arquitetura ousada, de outro, um comportamento tacanho. Holston conta que, em agosto de 1958, 500 famílias de funcionários públicos de elite da Novacap ocuparam “imediate e ilegítimamente” casas entre a W-3 e W-4 Sul, projeto de Niemeyer destinado aos servidores de baixo escalão. “No fim das contas, ninguém discutiu essa usurpação e nem houve quem pudesse evitá-la.”



LUCIO COSTA, UM MODO DE SER MODERNO

Editora Cosac & Naify
Ana Luiza Nobre, João Masao Kamita, Otávio Leonídio e Roberto Condiuru (organizadores)
336 páginas
Preço: R\$ 49,50

[URBANISMO

Fotos: José Varella

**Tombamento**

Posto isso, James Holston dá uma estocada nos aguerridos defensores do tombamento da cidade. Não há indicações de que o faça em nome da especulação imobiliária — nada indica que ele seja um agente de construtoras e de grileiros infiltrado no meio acadêmico. Também não é um defensor da má arquitetura, para usar uma expressão de Oscar Niemeyer. Ele cita, por exemplo, o Setor Hoteleiro Norte, exemplo de “desenvolvimento caótico e corrompido”.

O pesquisador norte-americano ataca os defensores do tombamento com um futuro do pretérito desnecessário. “Para discordar, poderíamos razoavelmente argumentar que a excepcional ‘qualidade de vida’ de Brasília enraíza-se em uma história de extraordinária desigualdade e estratificação (excepcional até mesmo segundo os padrões brasileiros)”. E insiste no ataque ironicamente de viés: “Poderíamos também afirmar que a legislação que fixa tal ‘qualidade de vida’ não é nada além de um meio de preservar o privilégio das elites às custas dos outros...”

O que falta nos argumentos dos defensores do tombamento, escreve Holston, é a preocupação com a preservação do espírito de invenção da cidade. A cidade que Lucio Costa inventou deveria ser, então, um lugar destinado a novos experimentos anísticos. “Congelar Brasília em

um momento trai esse espírito e a transforma em um fantasma”. O norte-americano termina citando Roma, Paris e Nova York como cidades que são interessantes por não serem baseadas em um modelo, mas por estarem “salpicadas das visões de cada geração que nelas viveu”.

Ao tempo da construção, Lucio Costa disse a Juscelino que talvez não fosse necessário abrir a Asa Norte, que a tarefa ficasse para o futuro. O presidente respondeu que ou se fazia já ou nunca mais a cidade ficaria pronta. Talvez falte a James Holston uma camada a mais de entendimento do caráter brasileiro. Afrouxar o nó que protege o tombamento talvez signifique insuflar comportamentos semelhantes aos dos 500 servidores da elite da Novacap em 1958.

De mais a mais, Roma, Paris e NY não são cidades planejadas, portanto, não tiveram um conjunto urbanístico inteiro para preservar. No entanto, cuidaram de manter as obras mais importantes de cada período histórico — o princípio é o mesmo, o universo é que aqui é maior. É, como escreve Otília Beatriz Fiori Arantes, professora orientadora da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, o “maior acervo a céu aberto da arquitetura moderna”. De todo modo, o soco foi bem dado. A elite brasileira torce o nariz para a leva de migrantes que estourou a bolha da ilha da fantasia. ▶

**Trechos do ensaio de James Holston**

“Os visitantes de Brasília geralmente têm a sensação de que ela é uma cidade afastada do resto do Brasil. Essa sensação de separação deriva em parte da grande distância entre Brasília e a costa do Atlântico, à qual os brasileiros por séculos têm ‘se agarrado como caranguejos’, como disse frei Vicente do Salvador. Aproximada-

mente no centro dessa terra plana, Brasília aparece como um ponto de exclamação no horizonte, como uma idéia heróica e romântica, a acrópole de uma enorme e vazia extensão. Uma vez impelidos para dentro da cidade, os visitantes se deparam com uma separação mais complexa: a separação entre a Brasília modernista e o Brasil familiar. Eles encontram

toda uma cidade de caixas retangulares neutras e isoladas, as transparências de um mundo de fachadas de vidro, o tráfego de automóveis fluindo desimpedido em todas as direções e uma ordem seriada limpa, calma e eficiente. Em suma, eles encontram modernidade, regulamento e progresso em evidência.”

PENSAR



Secou os olhos quase os perfurando tal a vicissitude de seus ataques de histeria e procurou a luz da saída para se refazer. Foi mais além no avesso do quadro: os fundos da moradia abandonada —, claro, fundos para quem a olhasse pelos olhos de Cézanne. Viu a paisagem do outro lado da colina, a paisagem que o artista dispensara por não alcançá-la dali onde se mantivera certamente sentado em alguma pedra robusta por horas e horas, dias, querendo acertar o tom que ele não podia antecipar. Olhou a paisagem que o quadro não abrangera numa espécie de desdém, desdém por todas as coisas que não teriam a força suficiente para serem fixadas pelas tintas de um abnegado do olhar. Depois sorriu, levemente, como se ele próprio se considerasse endiabrado por produzir idéias assim tão ingratas com o restante da natureza que o artista não conseguira abarcar. Ele sorria ainda, sorria para tudo e para nada, e assim sentia-se furtivamente um soberano frente à incapacidade do resto do mundo para se sonhar. Onde ele iria dar com toda aquela insensatez? Voltaria para a parte escura dos subúrbios de Cézanne, ou melhor seria retornar para a mesma posição geográfica do artista diante daquela casa com rachaduras e lá, acaloradamente, ressuscitar o quadro a partir do interior de sua mente, qual o refizesse na mais ímpia das sofreguidões? De onde vinha todo aquele nervosismo que agora naquele sorriso frente à natureza dispensada pelo artista ele tentava aplacar?

Não, ele não poderia continuar ali feito uma esfinge do mato. E alheio à pintura de Cézanne pedindo como que para ser reconstituída, uma vez que os Lewin seus proprietários já tinham falecido, deixando aquela casa abandonada no topo da colina a herdeiros insensíveis, quarentões com a atenção toda posta em suas jogatinas, enquanto a pintura vivia trancada num salão só aberto para grandes festas cada ano mais escassas no administrar do habitante da mansão, o primogênito que nos intervalos dos negócios galanteava adolescentes em saunas que o iam consumindo até o dia da exaustão que já não tardava... Para onde iria então *A casa com rachaduras*? Ah, ficaria ali no silêncio do luto, enquanto os sobreviventes da família se espalhariam pelo mundo a desperdiçar suas surradas ilusões.

Nos fundos do quadro da casa na colina ele se estapeou quatro, cinco vezes, querendo acordar. E correu para a mesma posição geográfica de Cézanne diante da tapera com rachaduras, resvalando ao descer o barranco, endoidecido, se esfolando.

Ao chegar ali, no mesmo ângulo do artista, parou. Notou pela primeira vez que as árvores à direita do casebre, logo acima da rocha, eram mais escuras que as demais. Passeou a vista devagar... acabou notando o que talvez ninguém mais poderia assinalar: no escuro da janela sem vidraças, lá onde acabara de estar, havia um vulto que custou a identificar: issol, era ele mesmo a sorrir com paciência infinita, como se soubesse enfim que ali era seu lugar. E, ele não refutava a sua condição nessas alturas secular... Prisioneiro da tela, parecia sorrir com paciência infinita lembrando ainda do branco anterior à sua criação.

Sentiu-se acariciado pelo pincel de Cézanne lhe ordenando uma das faces e, mesmo no escuro, via-se o rubor que isso lhe causava, o fogo mesmo, via-se a paixão por ali já restar por todo aquele tempo e ali continuar varando os séculos a mais... O homem lá embaixo ao pé da rocha olhando a pintura do artista já não precisava lá estar. De fato, alguém que se aproximasse agora de *A casa com rachaduras* não veria homem nenhum contemplando a sucinta paisagem. Só aquela imagem na janela poderia ser surpreendida por algum olhar muito, muito atento —, sim, aquela imagem de um sorriso que o autor do quadro não soubera dar em sua época. Nem mesmo quando encontrava seu amigo Zola...

Foi quando virou noite em volta. Mas a pintura persistiu em todos os seus tons e mais se iluminou... O vulto da janela no áspero peitoril se debruçou. Sorrindo. Sorrindo enfim se transformava no motivo derradeiro do quadro, sua razão de ser... extremo comentário... solitário anfitrião...

[LITERATURA

M E M Ó R I A

A.C. SCARTEZINI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A idealização de Brasília como produto da vontade coletiva na fase de construção e, mais tarde, representação da síntese nacional enquanto cidade definitivamente ocupada, reproduz-se em *O fantasma de Luis Buñuel*, o mais recente romance de Maria José Silveira, onde a autora, ao evoluir entre o documentário e a ficção desde os anos 50, apresenta elementos que colaboram na fixação da memória brasiliense formada a partir de uma saga, quase aventura — a da invenção da urbe.

Trata-se da memória definida, inicialmente, a partir da observação do homem sobre o lugar, conquistado para Brasília por gente que veio de fora, pois aqui quase não havia alguém. A seguir, pela atuação do homem sobre o novo espaço urbano.

E não é propriamente o homem que observa e atua sobre o lugar, mas o projeto de cidadão brasiliense: os atores são crianças e adolescentes que presenciam a construção e vivem a nova cidade. Crianças e adolescentes credenciados, portanto, a constituir a primeira geração brasiliense, pois aqui moldados. A segunda geração viria a partir dos que nasceram na cidade.

Os protagonistas são cinco jovens com origens diferentes no mapa nacional e que afluíram ao novo projeto urbano e que se encontram em torno de outra idéia criativa e inovadora no cenário nacional, a Universidade de Brasília. Iniciam no campus uma experiência que se consolida, duramente, na resistência ao regime militar nos anos mais terríveis e amalgama-se, ternamente, na paixão comum pelo cinema.

Brota no grupo um conjunto de vocações — ou falta de indulgências — que se sintetiza no culto a Buñuel. Em seu livro de memórias, *Meu último suspiro*, o cineasta afirma que não se importaria em morrer, apenas lamentaria não saber o que ocorreria depois. Não desejava “abandonar o mundo em pleno movimento, como no meio de um folhetim”. Por isso, gostaria de voltar ao mundo a cada dez anos para comprar alguns jornais.

É a chave do romance. O grupo de jovens, disperso depois da formação em Brasília, propõe-se a um novo encontro coletivo a cada dez anos para reatar a vocação da origem, observar a dinâmica e discutir os redemoinhos do mundo em pleno movimento. Um balanço das utopias juvenis e seu desenvolvimento nas décadas seguintes.

No centro dos questionamentos sucessivos nas décadas persiste um acerto de contas com o regime militar e o sacrifício de vidas humanas na construção da cidade. A falta de indulgência, em especial com a ditadura, vem da inter-relação entre os ciclos históricos. Ao longo do processo, o *Fantasma* desdobra-se em cinco capítulos, cada um tendo no centro um dos personagens e situado nas décadas desde Brasília dos anos 60 a 2004. Os movimentos do mundo, mencionados por Buñuel, são ilustrados em cada capítulo ou década pela reprodução de manchetes dos jornais que sustentam a exposição do processo.

MARIA JOSÉ SILVEIRA REALIZA

HU

SOCIOLOGIA EMOCIONAL AO

MA

NARRAR AS SAGAS E UTOPIAS DOS

NA

PRIMEIROS JOVENS DE BRASÍLIA

Nessa engenharia literária, Maria José Silveira revolve as ingerências políticas do poder nacional transplantado ao cerrado sobre as utopias juvenis e fortalece a construção do memorialismo humano brasiliense, numa espécie de sociologia emocional — como diria o escritor Paulo Dantas, que por aqui viveu parte das turbulências dos anos 60 e 70.

A intensa presença de Brasília começa pela construção da cidade, a poeira despertada no cerrado rasgado por máquinas nunca antes vistas no lugar, o frenesi de um formigueiro de homens, o improvisado aeroporto de madeira. Aos olhos de uma criança — possivelmente a própria autora, vinda de Goiás quando aqui “era só terra vermelha” — que percorre o canteiro do futuro Plano Piloto, do alto de uma carroceria de caminhão, o cenário é de deslumbramento, orgulho pela epopéia nacional, narrado em estilo que transmite equilibradamente, sem excessos ou faltas, a vibração daquele momento único.

Mas havia o preço humano, cuja conta o romance apresenta também em estilo correto. Os esqueletos no armário da construção. O sacrifício de candangos tragados pelas obras e máquinas. A suspeita do massacre no

alojamento da construtora Pacheco Fernandes, nunca suficientemente esclarecida. A presença no canteiro de obras da terrível GEB, Guarda Especial de Brasília, com homens rudes, recrutados às pressas e dotados do mais tosco e sumário poder de polícia.

Um processo de conflitos entre o Estado e comunidade na cidade ainda criança, que assume caráter drástico na invasão do campus da UnB por soldados em busca de líderes como Honestino (Guimarães), Fernando da Meca, Prates, Mauro Burlamarqui e Alvinho, em 29 de agosto de 1968, quinta-feira:

“E vieram como se fossem enfrentar inimigos armados. Soltando bombas e atirando a esmo, cercando os estudantes. Muitos não conseguiram fugir. Outros, como Esmeralda, Dina, eu e outros grupos, corremos para o Minhocão, o grande prédio inacabado do Instituto Central de Ciências, o ICC.

Os policiais vinham atrás como um cerco de guerra, formando uma barreira só de brucutos. E atirando.”

Ficção? A memória real da invasão é corroborada no romance por trechos de inesquecível e histórica reportagem de José Leão Filho, publicada pelo *Jornal do Brasil* em 31 de agosto de 1968. Na primeira página do diário, uma expressiva foto de Jair Cardoso atesta a violência: a marca, como carimbo, da sola de uma bota militar na porta arrebentada de um laboratório — numa amarga coincidência, Leão e Cardoso morreram este ano em Brasília, abatidos por câncer.

Não se trata, porém, de um romance limitado ao ambiente brasiliense de época ou a movimento estudantil. Ao final dos anos 60, a mesma força histórica que reuniu aqueles jovens em Brasília leva o grupo à dispersão, sob o compromisso de reencontro a cada década para a avaliação dos rumos, projetos e inquietações individuais deles — originalmente, duas moças e três rapazes.

Nos reencontros, atualizam-se na visão pessoal do grupo e do mundo em movimento. Realizam a contabilidade de quem enfrentou exílio involuntário, morte no cárcere, mudança de carreira, frustrações quanto ao projeto de vida montado na mocidade... Conhecem e vivem em outras cidades.

Ao ritmo dos redemoinhos que sacodem o planeta, o grupo cosmopolitiza-se — sem ter sido propriamente provinciano na origem. Como peça do cosmo universal, a tribo passa a encarar sob novas dimensões questões que o tempo, inexorável, recicla continuamente, como a do meio ambiente e a do homossexualismo, itens da agenda tribal-global que assumem visibilidade cada vez maior. A militância política, recicla-se. Acabou a ditadura.



O FANTASMA DE LUIS BUÑUEL
De Maria José Silveira
W11 Editores
336 páginas
Preço: R\$ 41,50

A.C. Scartezini é jornalista.